

ANDRÉ LICHTENBERG  
REALIDADE SONHADA



*A utopia está lá no horizonte.  
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.  
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.  
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.  
Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.  
Eduardo Galeano*

A palavra utopia vem do grego, na justaposição do prefixo de negação (οὐ) com a palavra lugar (τόπος). De acordo com a etimologia, podemos considerar a utopia como o *não-lugar*, o lugar que não existe. Porém, se perguntamos ao poema de Galeano para que serve a utopia, ele nos devolve um disparador para o movimento, a caminhada e, em última instância, a fé. Não necessariamente a fé religiosa, mas a crença de que é possível imaginar e habitar mundos outros, com mais comunhão e respeito entre as pessoas e suas culturas. É essa crença na imaginação que dá suporte a André Lichtenberg em *Realidade Sonhada*, título de sua exposição individual na Galeria Bolsa de Arte, em São Paulo.

Lichtenberg é um artista que acredita no poder do sonho, da caminhada e da utopia. Nascido em Porto Alegre, o artista atualmente vive no Reino Unido. Descendente de família europeia, a migração está no cerne de sua família, que chegou ao Brasil vinda da Alemanha e Áustria. Anos mais tarde, o artista se tornaria ele mesmo um “imigrante moderno” ao decidir fazer o caminho de retorno ao continente europeu. Lichtenberg recorda que seu pai gostava de desenhar paisagens, o que influenciaria o modo como o filho viria a olhar a fotografia. Da mesma maneira, foi o olhar poético do pai para a lua cheia que ensinou o artista a olhar para a noite, a sonhar e valorizar o tempo.

Na série *Impossible Utopias*, Lichtenberg volta o olhar para o canal inglês que separa Reino Unido e Europa durante o Brexit. Durante as noites de lua cheia, o artista produziu imagens da costa litorânea, alargando o tempo através de longos períodos de exposição da câmera. Tanto em *Impossible Utopias* quanto na série *Full Moon*, a noite deixa de ser visível na imagem, mas o tempo se faz presente através do movimento das águas e das estrelas, além da construção de camadas de cor e reflexão que nos colocam em um estado meditativo: o que estas águas nos contam? Qual é o tempo e as histórias apresentadas nessas imagens? Estamos em um tempo das incertezas e do sonho. Lichtenberg reflete sobre as travessias, não apenas as realizadas décadas atrás, mas principalmente as atuais, os movimentos migratórios forçados e as noções violentas de bordas e fronteiras. Ao olhar para o mar, o artista se coloca - e nos coloca - em um estado de nostalgia e meditação.

A nostalgia atravessa seu trabalho. Suas fotografias, construídas a partir da união de várias imagens em uma diversidade de detalhes, contém ao mesmo tempo um caráter científico e sonhador, como na série *Personal Topographies*. Lichtenberg, que estudou engenharia, fotografia e artes, flerta com o tecnicismo da câmera que o permite operar em grandes dimensões sem perder a qualidade, ao passo em que mantém o caráter poético e subjetivo de seus horizontes e cidades. Em *Window Series*, o artista fotografa a janela do quarto de seus filhos ao longo de seis anos, mais uma vez investigando a noção de bordas e da fronteira entre sonhos e realidade. A janela, assim como a lente da câmera, é o limite que propõe outras paisagens e possibilidades, ainda que escondidas no cotidiano, no “banal”. Essa suposta banalidade é na verdade carregada de estranheza, convidando o espectador a parar e refletir, com sorte desacelerando de sua própria vida moderna, apressada. A oportunidade de distrair-se dentro das imagens opera como mecanismo de pausa e convite à comunhão não apenas com o artista, mas com um tempo lento, pausado. Tempo das coisas que permanecem, mesmo que ligeiramente diferentes: o nascer do sol, a chegada da lua, a mudança da paisagem durante as estações. Um paraíso que pode existir no ordinário das coisas e no coletivo das pessoas. Uma utopia presente, ainda que inalcançável.

Daniele Queiroz,  
junho de 2025.



Matera orange dream, 2023  
série Ancient memories  
Fotografia  
Edição 1 de 6  
110 X 170 cm



Matera purple clouds, 2023  
série Ancient memories  
Fotografia  
Edição 1 de 6  
110 X 170 cm



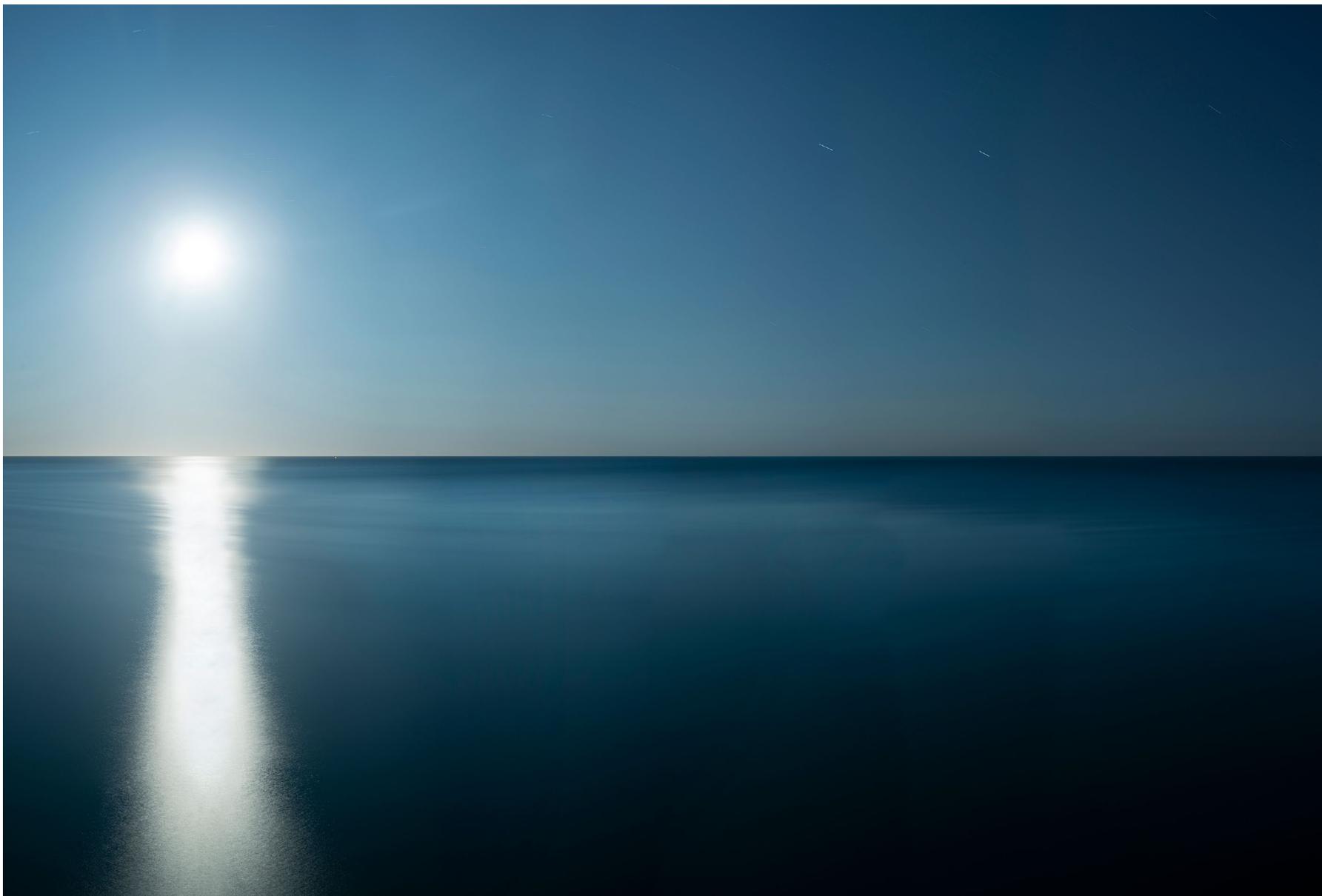
Red Moonlight Eclipse, 2023  
série Personal Topographies  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 140 cm



Pacific Clouds, 2019  
série Personal Topographies  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 155 cm



Kingsway Beach, 2017  
série Impossible Utopia  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 140 cm



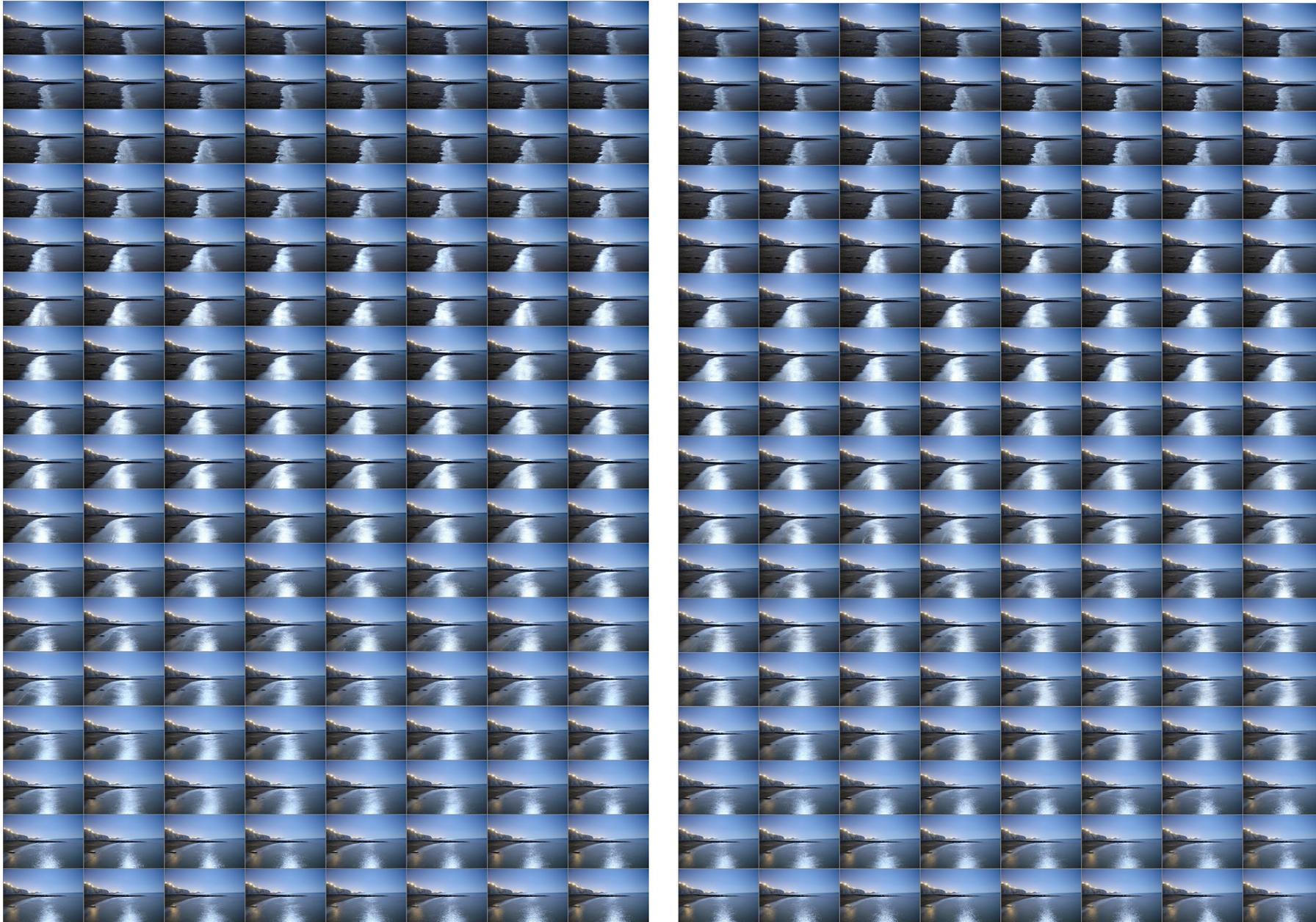
Indian Summer Memories, 2023  
série Impossible Utopia  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 165 cm



Tale of Two Moons, 2023  
série Impossible Utopia  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 150 cm



New Years Moon, 2023  
série Impossible Utopia  
Fotografia  
Edição PA 1 + 2  
110 X 150 cm



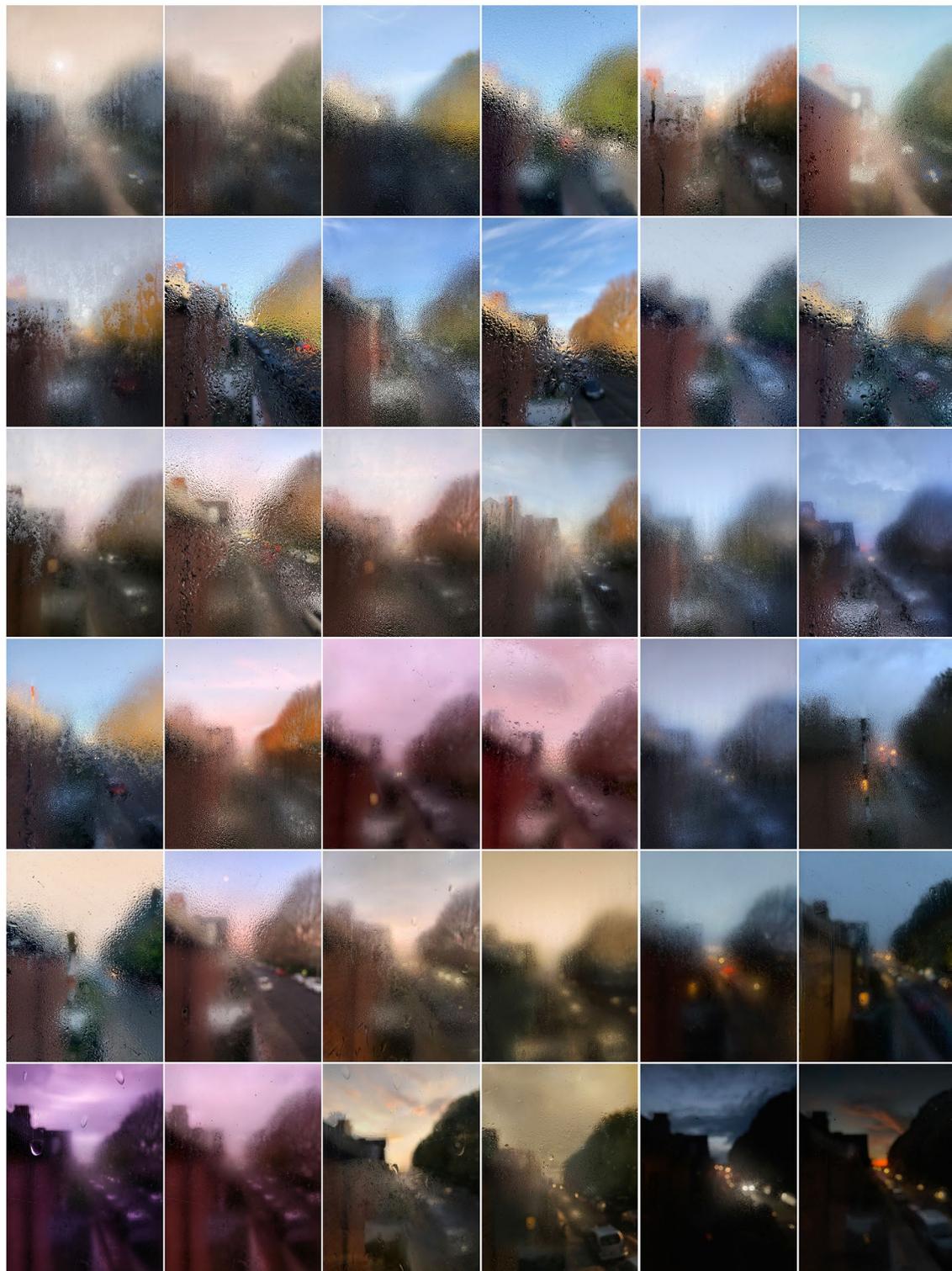
Moon tide: one hour and a half, 2010  
série Full Moon  
Fotografia  
Edição 1 de 3  
díptico 156 X 110 cm (cada)



série Window memories, 2018 - 2024  
Fotografia  
Edição de 30  
38 X 30 cm (cada)



série Window memories, 2018 - 2024  
Fotografia  
Edição de 30  
38 X 30 cm (cada)



Moon to night: 36 window memories, 2025  
série Window dreams  
Fotografia  
Edição 1 de 3  
146 X 110 cm

André Lichtenberg (Porto Alegre-RS, 1964, vive e trabalha entre Londres e Brighton- Reino Unido) é artista e fotógrafo alemão/brasileiro explora a interseção entre a fotografia e outras formas de arte, como pintura, colagem e desenho. Em uma era de superprodução e consumo de imagens digitais, André se preocupa com a criação da memória e com a tradução disso em um objeto físico final.

Seu trabalho já foi exibido em museus e galerias privadas ao redor do mundo, incluindo o Barbican Centre, em Londres (1998), o Centre Pompidou/IRCAM, em Paris (2015/16) e o Fabrica, em Brighton (2018). Suas obras fazem parte de diversas coleções internacionais de arte, incluindo o NHS Trust no Reino Unido e a prestigiada Coleção da Família Joseph Cohen, em Nova York. Foi vencedor de importantes prêmios de fotografia como o Aesthetica Art Prize, por quatro vezes e o Renaissance Photography Prize.

---

Daniele Queiroz (São Paulo, 1986) é mestra em Representações e Imaginários pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde também se graduou. É curadora de arte contemporânea no Instituto Moreira Salles, em São Paulo. Em 2020, fundou o projeto "A história é outra", plataforma que abarca estudos curatoriais e práticas artísticas no campo da fotografia, olhando para corpos dissidentes da historiografia oficial.

É co-curadora da exposição Zanele Muholi: Beleza valente, em cartaz no IMS em 2025. Em 2023, foi uma das curadoras da exposição Entre nós: Dez anos de Bolsa ZUM/IMS, parceria entre o Instituto Moreira Salles e o Pivô, em SP. Faz o acompanhamento curatorial dos selecionados pela Bolsa ZUM/IMS desde 2020.



RUA MOURATO COELHO, 790  
SÃO PAULO | SP  
+55 11 99974 7137 | 3812 7137

RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 365  
PORTO ALEGRE | RS  
+55 51 99976 3600 | 3332 6799

@GALERIABOLSADEARTE

[WWW.BOLSADEARTE.COM.BR](http://WWW.BOLSADEARTE.COM.BR)